

**Entre o processo da produção desejante e o risco do colapso:  
a ética de *O anti-Édipo***

Frederico P. Lemos\*

**Resumo:** *O anti-Édipo* foi recebido, em 1972, em meio a contrassensos, polêmicas e acusações a respeito de suas supostas consequências práticas. Neste artigo, analisamos a relação entre o corpo sem órgãos, as máquinas desejantes e o sujeito residual tal como formulada por Deleuze e Guattari em *O anti-Édipo*, articulando o dinamismo produtivo do desejo com o desafio prático da esquizoanálise, que resumimos, *grosso modo*, desta forma: como evitar que a experimentação desejante, que se desenrola entre seus impulsos processuais produtivos e suas estases de antiprodução, incorra em colapso ou catástrofe? Para tanto, situamos, primeiramente, a abordagem deleuzo-guattariana da esquizofrenia como processo de produção, apresentando suas teses principais. Em seguida, desenvolvemos a hipótese de que a noção de “esquizofrenizar a morte”, que aparece no quarto capítulo de *O anti-Édipo*, explicita a indissociabilidade entre dois registros que se cruzam ao longo de todo o livro: o de um diagnóstico ontológico da produtividade real do desejo inconsciente e o de uma aposta ético-política na “grande prudência” que é indispensável tanto para a montagem quanto para a desmontagem de circuitos desejantes. **Palavras-chave:** Máquinas desejantes; Corpo sem órgãos; Sujeito residual; Esquizofrenizar a morte. Ética.

**Between the process of desiring-production and the risk of collapse:  
the ethics of *The anti-Oedipus***

**Abstract:** *The anti-Oedipus* was received, in 1972, by several critiques upon its supposed practical consequences. In this article, we analyse the relation between the body without organs, the desiring machines and the residual subject such as presented by Deleuze and Guattari in *The anti-Oedipus*, connecting the productive dynamism of desire with the practical challenge of schizoanalysis: how to avoid that the desiring experimentation becomes a collapse or a catastrophe? With this objective, we first situate the deleuzo-guattarian’s treatment of schizophrenia as a process of production, presenting its main thesis. Then we develop the hypothesis that the notion of “schizophrenizing death”, which appears on the fourth chapter of *The anti-Oedipus*, makes explicit the unseparability between two axes that cross one another over the whole book: one of an ontological diagnosis of real productivity of the unconscious desire and other of an ethical-political bet on the “great prudence” that is indispensable to the construction as well as the deconstruction of desiring circuits.

**Keywords:** Desiring-machines; Body without organs; Residual subject; Schizophrenizing death. Ethics.

---

\* Doutorando em Filosofia no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFF (PFI/UFF). Bolsista FAPERJ. Professor substituto do Departamento de Sociologia e Metodologia das Ciências Sociais da UFF. Contato: fredericop.lemos@gmail.com

## Introdução: contrassensos na recepção de *O anti-Édipo*<sup>1</sup>

Diversas vezes, Deleuze e Guattari tiveram de se explicar sobre certos contrassensos que envolveram a recepção da primeira obra da dupla.<sup>2</sup> Claire Parnet, no *Abecedário de Deleuze* (de 1988), reserva a letra D para o tema do desejo tal como formulado em *O anti-Édipo*. Deleuze começa dizendo: foi “uma grande ambiguidade, um grande mal-entendido”.<sup>3</sup> Ao final, Deleuze conclui reafirmando a força do livro, dizendo que torcia para que ele fosse redescoberto.

Ao longo da conversa com Parnet, Deleuze indica que foram dois os principais contrassensos em torno do livro: os que acharam que o desejo era o “espontaneísmo” e os que acharam que o desejo era uma “festa”: “Para nós, não era nem um nem outro”. Perguntado se se sentia responsável por alguns efeitos nocivos que foram associados ao contexto do livro, por exemplo, pelos jovens que tiveram problemas com drogas, Deleuze responde:

Sentimo-nos responsáveis por tudo, se algo dá errado. (...) Em todo caso (...) nunca disse a um estudante: é isso, drogue-se, você tem razão. Sempre fiz o que pude para que ele saísse dessa, porque sou muito sensível à coisa minúscula que de repente faz com que alguém vire um trapo.<sup>4</sup>

Se, aos inimigos da inovação esquizoanalítica, todo aquele elogio ao desejo como revolucionário parecia uma “apologia da permissividade”, para Deleuze, ao contrário, não havia nenhuma permissividade.

Esse livro (...) sempre teve uma *prudência* (...) *extrema*. A lição era: não se tornem trapos. (...) E eu quase diria que *louvar o aspecto de valor da viagem, daquilo que (...) os antipsiquiatras chamavam de viagem ou processo esquizofrênico, era um modo de evitar, de conjurar a produção de trapos de hospital*.<sup>5</sup>

Se levarmos a sério esta e outras indicações da dupla, o conjunto da aposta esquizoanalítica aparece – contrariamente às alegações de seus acusadores – como um

---

<sup>1</sup> Este artigo seleciona e desenvolve tópicos que começamos a abordar em LEMOS, F.P. A vertigem da imanência: Deleuze e Guattari diante dos riscos da experimentação. Dissertação (Mestrado em Filosofia), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

<sup>2</sup> Cf. DELEUZE, G. *Conversações* (1972-1990). 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2013, pp.23-36; DELEUZE, G., *A ilha deserta*: e outros textos (1953-1974). São Paulo: Iluminuras, 2006, p.277-292, p.351; DELEUZE, G. *Dois regimes de loucos*: textos e entrevistas (1975-1995). São Paulo: Editora 34, 2016, p.133-134; DELEUZE, G.; PARNET, C., *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998, p.161; GUATTARI, F. *Confrontações*: conversas com Kuniichi Uno e Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: n-1 edições, 2016, pp.96-98 e DOSSE, F. *Gilles Deleuze & Félix Guattari: biografia cruzada*. Porto Alegre: Artmed, 2010, sobretudo cap. 11.

<sup>3</sup> DELEUZE, G.; PARNET, C. “D de Desejo”. *O Abecedário de Deleuze*. s/p. URL: <http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf> (acesso em 05/06/2020).

<sup>4</sup> *Ibidem*.

<sup>5</sup> *Ibidem*. Grifos nossos.

gesto ético radical e inovador justamente por levar às últimas consequências o problema dos riscos da experimentação do desejo. Em 1970, enquanto produzia com Guattari os manuscritos de *O anti-Édipo*, Deleuze indica numa carta a Foucault que seu problema era análogo ao de Burroughs (como conquistar a potência da droga sem se drogar?) ou de Miller (embebedar-se com água pura), porém aplicado ao campo da esquizofrenia: “como captar o processo esquizofrênico sem ser produzido como esquizo?”<sup>6</sup> Mas o que exatamente está em jogo nessa distinção entre o processo esquizofrênico e o esquizo como estado clínico?

Nosso objetivo aqui é descrever, a partir dessa distinção, a preocupação ética que parece haver em *O anti-Édipo*, e testar a hipótese de que já existem ali elementos para uma ética da prudência, e não um elogio inconsequente, abstrato, à “produtividade” do desejo, à “desterritorialização” a qualquer custo.

Como a ética da esquizoanálise não se encontra destacada como uma parte específica no interior do livro, mas o atravessa por inteiro, precisamos extrair os elementos desta ética do interior do conjunto das teses e proposições principais do livro.

## 1. *O anti-Édipo* como um livro de ética

O diagnóstico de que *O anti-Édipo* é um livro de ética foi feito pela primeira vez por Foucault, em seu prefácio à edição americana da obra, de 1977. *O anti-Édipo* não seria apenas um livro de ética, mas “o primeiro livro de ética que se escreveu na França desde muito tempo”, razão pela qual seu sucesso não se verificaria apenas no nível da formação de um público de leitores, mas no cultivo de um estilo de vida, um “modo de pensamento e de vida”.<sup>7</sup> Por trás de toda polêmica com a psicanálise e com o marxismo, para Foucault, o verdadeiro adversário estratégico do livro é o fascismo. E não somente os macrofascismos já organizados no Estado (de um Hitler, um Mussolini...), mas sobretudo “o fascismo que está em todos nós, que ronda nossos espíritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz gostar do poder, desejar essa coisa mesma que nos domina e explora.”<sup>8</sup> Assim, toda a proliferação de conceitos aparentemente abstratos de *O anti-Édipo*, todo o seu humor e por vezes a acidez de suas críticas deveriam ser compreendidos em função deste problema prático: como banir todas as formas de

---

<sup>6</sup> DELEUZE, G. *Cartas e outros textos*. São Paulo: n-1 edições, 2018, p.71.

<sup>7</sup> FOUCAULT, M. “O anti-Édipo: uma introdução à vida não fascista”. *Cadernos de Subjetividade* / v. 1, n. 1. São Paulo: PUC-SP, 1993, p.198.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p.197.

fascismo, “desde aquelas, colossais, que nos envolvem e nos esmagam, até as formas miúdas que fazem a amarga tirania de nossas vidas cotidianas”? Como criar um modo de vida não-fascista? A primeira pergunta, negativa, só recebe o seu sentido enquanto se reporta à segunda, positiva. A primeira dá conta da tarefa destrutiva da esquizoanálise (“a faxina do inconsciente”: subtrair o poder do desejo), ao passo que a segunda dá conta de suas tarefas positivas (atingir o nível das máquinas desejantes e construir as conexões revolucionárias do desejo no campo social). Note-se que se Deleuze e Guattari combatem, por um lado, os fenômenos de cristalização do desejo, em que o desejo perde a fluência de seu processo e se enrijece em torno de figuras de poder, verdadeiros coágulos que bloqueariam o traçado de linhas de fuga; por outro lado, isso não significa que eles defendam ingenuamente a uma “liberação” naturalista ou espontaneísta do desejo. Razão pela qual as tarefas negativas e positivas da esquizoanálise só podem ser compreendidas quando tomadas em conjunto: o momento da destruição está *a serviço* de uma criação superior, da mesma forma que o “*anti*”, do título, marca apenas o momento preliminar à elaboração positiva, indicada no subtítulo, dos nexos teóricos entre capitalismo, esquizofrenia e a *práxis* esquizoanalítica. Se abrimos o livro pela seção em que descrevem a tarefa negativa ou destrutiva da esquizoanálise, lemos que:

Em sua tarefa destrutiva, a esquizoanálise deve proceder com a maior rapidez possível, mas também só pode proceder com uma *grande paciência*, uma *grande prudência*, desfazendo sucessivamente as territorialidades e as reterritorializações (...) pelas quais um sujeito passa na sua história individual. Isto porque há várias camadas, vários planos de resistência vindos de dentro ou impostos de fora. A esquizofrenia como processo, a desterritorialização como processo, é inseparável das estases que a interrompem, ou então que a exasperam, ou que a fazem girar em círculos, e que a reterritorializam em neurose, em perversão, em psicose. Isto ocorre a tal ponto que o processo só pode se desembaraçar, perseverar em si mesmo e se efetuar, na medida em que for capaz de criar (...) uma terra nova. É preciso, em cada caso, voltar a passar pelas velhas terras, estudar sua natureza, sua densidade, pesquisar como se agrupam em cada uma os índices maquímicos que permitem ultrapassá-la. Terras familiares edípianas da neurose, terras artificiais da perversão, terras asilares da psicose — como, a cada vez, reconquistar nelas o processo, retomar constantemente a viagem?<sup>9</sup>

Não dispomos ainda dos meios para manejar os conceitos deste longo trecho. Mas ele pode nos servir de pista ou ponto de partida. Note-se por ora que, quando se trata de dar as direções — mesmo as ditas “destrutivas” — do procedimento clínico esquizoanalítico, Deleuze e Guattari sublinham a necessidade de uma “grande paciência”

---

<sup>9</sup> DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia* 1. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011, pp.420-421. Grifos nossos.

e de uma “grande prudência”. Destacam ainda que há distinção entre, por um lado, um *processo* esquizofrênico de desterritorialização, concebido como uma “viagem” que só se efetua enquanto tal na medida em que é capaz de “criar uma terra nova”, e, por outro lado, as *paradas* que interrompem o processo esquizo, os pontos que “exasperam” o processo e o põem a “girar em círculos”, e que por fim se reterritorializam em estados patológicos na mesma medida em que perdem a capacidade de retomar a “viagem” (a capacidade de “criar uma terra nova”). A distinção entre esses elementos conceituais é de extrema importância, e é a ela que se deve boa parte da ambiguidade da filosofia de Deleuze e Guattari. Se reduzimos conceitualmente a esquizofrenia enquanto processo de produção do desejo com ao estado patológico ou as afecções de alguém que padece de esquizofrenia, perdemos a razão de ser do livro, que é, em larga medida, distinguir as duas coisas e determinar as condições concretas em que o processo é convertido em entidade clínica.<sup>10</sup> Já aí, nessa distinção, é preciso muita cautela para que não se caia na tolice de acreditar que os autores escreveram uma apologia do sofrimento psicótico. Contudo, não se nega que haja, nos dois tomos de *Capitalismo e Esquizofrenia*, a defesa de uma “esquizofrenização” experimental da vida como direção ética, clínica e política. Mas de que se trata, afinal, nesta apologia a certa “esquizofrenização” do campo do inconsciente e do campo social histórico?<sup>11</sup>

## 2. Esquizofrenia como *breakthrough* e como *breakdown*

Precisamos nos lançar no solo de onde emerge o conceito. Deleuze e Guattari partem do seguinte dado: a esquizofrenia foi habitualmente descrita em termos *negativos* pela psiquiatria e pela psicanálise, tais como: ‘dissociação’, ‘perda de realidade’, ‘autismo’, ‘forclusão do significante’. Numa aula voltada a retomar temas de *O anti-*

---

<sup>10</sup> Uma passagem de Laing, citada por Deleuze e Guattari, é fundamental a respeito dos dois sentidos de esquizofrenia. Cf. *Ibidem*, pp.177-178: “O indivíduo que faz a experiência transcendental da perda do ego pode ou não perder de diversas maneiras o equilíbrio. Pode, então, ser considerado louco. Mas ser louco não é necessariamente ser doente, mesmo se em nosso mundo os dois termos se tornaram complementares... Partindo do ponto de vista da nossa pseudossaúde mental, tudo é equívoco. Esta saúde não é uma verdadeira saúde. A loucura dos outros não é uma verdadeira loucura. A loucura dos nossos pacientes é um produto da destruição que nós lhes impomos e que eles se impõem a si próprios. E não se pense que podemos encontrar a verdadeira loucura, nem que somos verdadeiramente sãos de espírito. A loucura que encontramos em nossos doentes é um grosseiro disfarce, uma aparência enganadora, uma caricatura grotesca do que poderia ser a cura natural desta estranha integração. A verdadeira saúde mental implica de uma maneira ou de outra a dissolução do ego normal...”

<sup>11</sup> *Ibidem*, p.75.

*Édipo*, Deleuze reconstrói sumariamente o quadro das duas grandes interpretações da psicose na psiquiatria e na psicanálise.<sup>12</sup>

A primeira abordagem, muito difundida na psiquiatria do XIX, mas também em circuitos psicanalíticos, concebe a psicose como um fenômeno de degradação da relação com a realidade, de dissociação ou decomposição da unidade da pessoa. Chamada de “personológica”, nesta vertente Deleuze reúne autores diferentes como Henry Ey, Lagache e o primeiro Lacan (da época de sua tese sobre a psicose paranoica, de 1932). Esta interpretação carrega em comum o retorno ao Eu como referência de base, de modo que a psicose é compreendida como uma derrota do ponto de vista da pessoa e de sua relação com o real.

A segunda grande interpretação da psicose é a estruturalista, que compreende a psicose não mais como um acidente que ocorreria às pessoas, degradando sua relação com a realidade, mas sim como um fenômeno de estrutura. Isto é, a ênfase é deslocada do nível pessoal para o nível estrutural, que condiciona a distribuição das posições e das relações pelas quais os sujeitos são soldados à ordem simbólica, e à maneira pela qual se engajam na vida social.<sup>13</sup> A psicose é definida aqui *grosso modo* pela rejeição (chamada por Lacan de “forclusão”) do significante fundamental, o significante da função paterna ou simbólica, que instauraria a falta no sujeito e o articularia ao mundo da linguagem como sujeito desejante neurótico. O exemplo desta abordagem estrutural é o segundo Lacan, dos *Escritos* (1963).

Mas há ainda uma terceira tradição a ser considerada, diz Deleuze; que apreendia de outra maneira a atividade psicótica. Esta terceira corrente corresponde menos ainda que as duas anteriores a algo como uma escola. Nesta linhagem, estão os autores que compreendem a psicose como um “processo” e defendem que sua atividade própria só pode ser descrita em termos processuais, dinâmicos. Deleuze agrupa aqui Karl Jaspers, a antipsiquiatria inglesa e seu próprio trabalho com Guattari. Nesta tendência, a psicose não pode ser compreendida por referência a uma estrutura simbólica, nem mesmo exatamente a uma afecção da pessoa, mas tão somente a um processo, ou a uma “viagem”.

Essa tipologia esquemática nos ajuda, mesmo que sumariamente, a situar a posição de Deleuze e Guattari diante da esquizofrenia em relação às demais posições

---

<sup>12</sup> DELEUZE, G. *La voix de Deleuze: cours de 27/05/1980*. Université Paris 8: Vincennes, Saint-Denis. s/d. URL: [http://www2.univparis8.fr/deleuze/rubrique.php3?id\\_rubrique=4](http://www2.univparis8.fr/deleuze/rubrique.php3?id_rubrique=4). (Acesso em 10/07/2020).

<sup>13</sup> Nesta orientação psicanalítica inaugurada por Lacan, a neurose, a psicose e a perversão são definidas como estruturas clínicas, cada uma com um mecanismo de defesa próprio diante da castração: a neurose se define pelo mecanismo do “recalque”, a psicose pela “forclusão” e a perversão pela “denegação”.

vigentes nos campos psi. A tarefa, para eles, é livrar os esquizofrênicos de todo discurso que os vincule a algo de faltoso, de defeituoso, para instaurar um campo prático que os tome num acolhimento radical de sua lógica própria. Especialmente esclarecedor a esse respeito é o texto “Esquizofrenia e Sociedade”, escrito por Deleuze para a *Encyclopaedia Universalis* de 1975.<sup>14</sup> Ali, ele defende, contra a tendência habitual de se tomar a esquizofrenia sob o signo do negativo, que todo o desafio para a teoria das doenças mentais é

dar conta da esquizofrenia em sua própria positividade (...) sem reduzi-la aos caracteres de déficit ou de destruição que ela engendra na pessoa, nem às lacunas e dissociações que ela faz aparecer numa suposta estrutura. (...) Dissociação, autismo, perda de realidade são, antes de tudo, termos cômodos para que os esquizofrênicos não sejam escutados.<sup>15</sup>

Assim, na contramão das abordagens da esquizofrenia como dissociação da personalidade (abordagem personológica) ou como um problema de estrutura (abordagem estruturalista), é a essa linhagem subterrânea de autores como Karl Jaspers, David Cooper e Ronald Laing, que definem a esquizofrenia como um “processo”, que Deleuze e Guattari se filiam.

Desde que a esquizofrenia seja tomada como um processo e não uma desfiguração, como uma produção e não uma incapacidade, já não estamos diante de um fenômeno compreendido como causado por algo de negativo – mas sim por um excesso, um transbordamento, uma afirmação. E é exatamente nesse ponto que a distinção teórica entre a esquizofrenia como processo e a esquizofrenia como quadro patológico revela-se decisiva, porque se desdobra numa questão prática.

É que, para a esquizoanálise, existem dois componentes na experiência esquizofrênica que devem ser distinguidos: o componente de uma brecha ou uma abertura, e o componente do colapso, da terrível queda ou do desabamento.<sup>16</sup> Laing, por sua vez, já dizia que a “loucura não é necessariamente um desabamento (*breakdown*). Pode ser também uma abertura de saídas (*breakthrough*)”, uma travessia intensiva.<sup>17</sup> Ao que Deleuze faz eco à sua própria maneira numa entrevista de 1972:

---

<sup>14</sup> DELEUZE, G. *Dois regimes de loucos*, Op. Cit., pp. 22-23.

<sup>15</sup> *Ibidem*, pp. 28, 31.

<sup>16</sup> O termo de difícil tradução empregado por Deleuze e Guattari, que em português foi vertido para “aberturas”, “brecha”, “furo”, “atravessamento” ou até pelo neologismo “transpassagem” é *la percée*; enquanto que “desabamento”, “desmoronamento” e “colapso” são traduções para *l'effondrement*. Dada a dificuldade de traduzir ambos os termos de maneira fixa para o português, decidimos neste trabalho usar de maneira indistinta as opções disponíveis em português para designar estes mesmos termos, que são já versões francesas para o *breakthrough* e o *breakdown* que Deleuze e Guattari colhem de Laing.

<sup>17</sup> Cf. LAING, R. *The Politics of Experience and The Bird of Paradise*. Harmondsworth, Middlesex: Penguin Books, 1967, p.110: “Madness need not be all breakdown. It may also be breakthrough. It is potentially liberation and renewal as well as enslavement and existential death.” Citado parcialmente em DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-Édipo*, Op. Cit., p.178.

naquilo que é chamado, *grosso modo*, loucura, duas coisas: há um furo, um rasgo, como uma luz repentina, um muro que é atravessado; e há, em seguida, uma dimensão muito diferente, que poderíamos chamar um desabamento. (...) [R]omper o muro é difícilíssimo e se o fazemos de forma muito bruta (...), desabamos. (...) Que o furo (...) possa coincidir ou deslizar numa espécie de desabamento é algo que ninguém tem o direito de tratar de forma leviana. É preciso considerar esse perigo como fundamental.<sup>18</sup>

*O anti-Édipo* radicaliza essa ideia e repete inúmeras vezes que o esquizofrênico não está doente do processo esquizofrênico, ou seja, não sofre da abertura que experimenta intensamente (*breakthrough*), mas, pelo contrário, sofre de outra coisa, que a converte num colapso (*breakdown*), que não diz respeito à abertura em si, mas ao modo como as instituições capitalistas lidam com ela no mundo moderno:

A questão retorna: o que reduz o esquizofrênico à sua figura autista, hospitalizada, separada da realidade? Será o processo ou, ao contrário, a interrupção do processo, sua exasperação, sua continuação no vazio? O que força o esquizofrênico a fechar-se num corpo sem órgãos tornado novamente surdo, cego e mudo?<sup>19</sup>

A distinção teórica entre o processo e o colapso como componentes da esquizofrenia está sempre implicada em uma questão prática: o que converte o processo em colapso? Como uma abertura para algo que excede a capacidade habitual do corpo é convertida em padecimento, em embrutecimento?<sup>20</sup> E, sobretudo, como evitar essa conversão?<sup>21</sup>

### 3. Uma só produção social e desejante

Se a esquizofrenia é essencialmente um processo, Deleuze e Guattari adicionam um componente marxista à sua equação: ela é processo *de produção*.<sup>22</sup> “O que o esquizofrênico vive (...) de modo algum é um polo específico da natureza, mas a natureza como processo de produção”; “a esquizofrenia é o universo das máquinas desejantes produtoras e reprodutoras”; “Antes de ser a afecção do esquizofrênico artificializado, personificado no autismo, a esquizofrenia é o processo da produção do desejo e das máquinas desejantes”.<sup>23</sup> Isto deve ser compreendido em três sentidos, segundo Deleuze e

<sup>18</sup> DELEUZE, G. *A ilha deserta*, Op. Cit., pp.303-304.

<sup>19</sup> DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-Édipo*, Op. Cit., p.122.

<sup>20</sup> Essa pergunta é feita várias vezes ao longo do livro. Para um encaminhamento conclusivo dela, cf. *Ibidem*, p.481.

<sup>21</sup> Cf. DELEUZE, G. *Dois regimes de loucos*, Op. Cit., p. 32: “O problema da esquizofrenia foi bem colocado por Laing: como fazer para que a brecha (*breakthrough*) não devesse colapso (*breakdown*)? Como fazer para que o corpo sem órgãos não se encarcere, imbecil e catatônico?”.

<sup>22</sup> De fato, o próprio Freud já falava em “produções” do inconsciente, mas limitando-as à esfera da economia psíquica, independentemente de qualquer relação com a economia política. Em Deleuze e Guattari, ao contrário, há tão-somente *uma* produção, que é simultaneamente desejante e social.

<sup>23</sup> *Ibidem*, pp.14, 16.

Guattari. Vejamos resumidamente o cerne da tese materialista de Deleuze e Guattari a respeito destes três sentidos de processo.<sup>24</sup>

Em primeiro lugar, a ideia deleuzo-guattariana de processo de produção se refere ao campo dinâmico causal que é primeiro em relação a seus efeitos, mas que mantém com eles uma relação imanente: permanece em seus efeitos, tanto quanto seus efeitos não se separam dele. É assim que o processo subsume as distinções entre as supostas esferas relativamente autônomas da “produção”, da “distribuição” e do “consumo” num sistema econômico, tomando-as como produções de um mesmo processo: “a produção é imediatamente consumo e registro, o registro e o consumo determinam diretamente a produção, mas a determinam no seio da própria produção”.<sup>25</sup> Este ponto, Deleuze e Guattari colhem diretamente de um manuscrito de 1857 em que Marx fala de uma moda entre os economistas: abrirem seus livros com uma parte dedicada a pensar as “condições gerais de toda produção”<sup>26</sup>, separadas de qualquer relação com a história real dos modos de produção da vida material. Tal moda tem um fundamento idealista: como se a “produção” fosse determinada por leis naturais universais; a “distribuição” pela contingência social; e o ato conclusivo do “consumo” como finalidade singular do processo, já fora da esfera propriamente econômica. Através de uma longa demonstração da interpenetração real entre estes três níveis, Marx chega à conclusão de que eles são “membros de uma totalidade, diferenças dentro de uma unidade”, qual seja, na unidade de um *processo produtivo*, em que a produção aparece como momento dominante, sendo a partir dela que o processo sempre recomeça.<sup>27</sup>

Ultrapassando a separação idealista entre os três momentos da economia e atingindo o processo real que os arrasta, Marx aponta que de fato aquela separação pressupunha uma outra mais fundamental: a separação homem-natureza ou indústria-natureza. Em um segundo sentido de processo, portanto, e seguindo ainda Marx, Deleuze e Guattari abolem a distinção indústria-natureza para traçar a sua identidade essencial enquanto “vida genérica”, “vida engendradora de vida”<sup>28</sup>: “Assim, a indústria não é

---

<sup>24</sup> Para um comentário mais pormenorizado sobre a importância dos manuscritos (sobretudo os de 1844) de Marx para *O anti-Édipo*, cf. MEJAT, G. “Gilles Deleuze et Félix Guattari lecteurs de Marx: l'inspiration marxiste de la conception du désir développée dans l'Anti-OEdipe”. In: *Philosophique* [En ligne], 15 | 2012, mis en ligne le 14 mars 2012, URL : <http://philosophique.revues.org/693>, (Acesso 14/07/2020).

<sup>25</sup> DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-Édipo*, p.14.

<sup>26</sup> Neste mesmo texto, Marx já começa criticando outro hábito idealista dos economistas (a “robinsonada”): tomar como ponto de partida da investigação o indivíduo livre e isolado, e não a *produção social de indivíduos*. Cf. MARX, K. *Grundrisse*: manuscritos econômicos de 1857-1858. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 42.

<sup>27</sup> *Ibidem*, p.53; 49.

<sup>28</sup> MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 84.

considerada numa relação extrínseca de utilidade, mas em sua identidade fundamental com a natureza como produção do homem e pelo homem”.<sup>29</sup> Feuerbach, lido por Marx, apreendia o “ser genérico” do homem como modo de dissolver a oposição Homem-Natureza no seio de uma identidade mais fundamental, definida pelo plano das forças sensíveis naturais, do “mundo sensível” do qual o Homem é necessariamente uma parte.<sup>30</sup> Marx, por sua vez, dá um passo adiante e *introduz a Natureza na indústria, na história, na produção e reprodução da vida material*. Se a vida genérica em Feuerbach traçava a identidade Homem = Natureza; em Marx, a vida genérica não designa apenas essa identidade abstrata, mas uma identidade ativa, dinâmica, produtiva, cujas condições se transformam historicamente. Marx remete o sistema de Feuerbach a uma dimensão que lhe é anterior e responde por sua gênese: na base do mundo sensível feuerbachiano, há o mundo da produção, uma vez que a própria formação da sensibilidade humana (dos cinco sentidos), é o resultado de “toda a história da humanidade”.<sup>31</sup> É todo esse debate com Feuerbach que está no pano de fundo daquele segundo sentido com que Deleuze e Guattari empregam a noção de “processo”. Por essa via, eles abandonam a dualidade clássica humano-natural enquanto termos opostos ou tomados numa relação de causação (do tipo causa-efeito, sujeito-objeto), em favor de uma concepção que os apreenda como “uma só e mesma realidade essencial do produtor e do produto”, através da identidade entre o *produzir* e o *produto*. Donde a ideia de que a “produção como processo excede todas as categorias ideais e forma um ciclo ao qual o desejo se relaciona como princípio imanente”.<sup>32</sup> Imanência do produzir no produto, e do produto no produzir, em certa medida confundidos – mas não homogeneizados e indiferenciados – num mesmo processo de autoprodução do real.

Neste ponto intervém a tese principal da psiquiatria materialista: há uma só produção, imediatamente desejante e social, há uma só economia, imediatamente desejante e social. É o postulado da “univocidade da produção”, que afirma que a produção se diz em um só sentido tanto para a economia libidinal quanto para a economia política.<sup>33</sup> Já que não há diferença de natureza entre os dois registros econômicos, ou, em outras palavras, já que o campo social é coextensivo ao campo do desejo (donde a fórmula *Homo Natura = Homo Historia*), há apenas, explicam, diferença de regime entre o

---

<sup>29</sup> DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-Édipo*, p.15.

<sup>30</sup> Cf. FEUERBACH, L. *A Essência do Cristianismo*. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

<sup>31</sup> MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos*, Op. Cit., p.110.

<sup>32</sup> DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-Édipo*, Op. Cit., p.15.

<sup>33</sup> Cf. SIBERTIN-BLANC, G. *Deleuze et l'anti-Oedipe: la production du désir*. Paris: P.U.F., 2010, pp.19-ss.

funcionamento das máquinas enquanto máquinas desejantes e enquanto máquinas sociais. Não cabe ainda demonstrar como se dá a relação entre os dois regimes no seio da mesma produção.

Por fim, há o terceiro sentido de processo segundo o emprego de Deleuze e Guattari. Aqui ele opera como uma condição para o que acabava de ser estabelecido a respeito do esquizo como *Homo Natura*. Esta condição é a de que o processo “não seja tomado como uma meta, um fim, nem confundido com sua própria continuação ao infinito”.<sup>34</sup> Que o processo não faça de si próprio uma meta significa que a produção não opere sob a lógica do “produzir por produzir”, que acaba por exasperar o processo e perdê-lo tanto quanto sua interrupção.

O que está em questão é como levar a sério a dimensão produtiva e processual do desejo, na medida em que este é investido imediatamente pelo campo social e político. Levá-lo a sério tem o significado prático de cuidar dele, cultivá-lo, protegê-lo de tudo o que ameace a sua continuidade fluente, sua produção e reprodução. O que ameaça o processo produtivo do desejo são tanto as suas interrupções abruptas quanto suas continuações ao infinito. As duas maneiras podem resultar nos processos de subjetivação que causam o “esquizofrênico artificial, tal como o vemos no hospital, farrapo autístico”.<sup>35</sup> É, então, desde as primeiras apresentações do conceito de processo esquizofrênico que Deleuze e Guattari explicitam que, no interior do conceito, já intervém a condição de que o processo não seja abandonado (caso de sua interrupção brusca), nem seja tomado como referido a si mesmo (caso de sua continuação ao infinito); mas seja vivido como um processo que persevera na medida em que é capaz de se reproduzir, de ampliar e assegurar as conexões do desejo, de prolongar uma experimentação vital.

#### **4. Máquinas desejantes, corpos sem órgãos e sujeito residual nômade**

Depois de livrar a abordagem teórica da esquizofrenia de todo traço negativo ou extrínseco e de concebê-la como processo positivo de autoprodução na coextensividade entre a Natureza e o campo social (na “vida genérica” do desejo), seguindo Deleuze e Guattari, chegamos ao momento de apresentar a lógica própria deste novo inconsciente esquizo e suas três sínteses passivas. Ela compreende a dinâmica entre três termos: as máquinas desejantes (que operam as sínteses conectivas – a produção), o corpo sem

---

<sup>34</sup> DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-Édipo*, Op. Cit., p.15

<sup>35</sup> Ibidem.

órgãos improdutivo (que opera as sínteses disjuntivas – a distribuição, o registro, a repartição das intensidades), e o sujeito que é produzido como um efeito residual, como peça adjacente (que consome e consoma as intensidades enquanto é percorrido por elas, nas sínteses conjuntivas).

As máquinas desejantes são a primeira peça do sistema. Neste nível da primeira síntese passiva do inconsciente (síntese conectiva), não há sujeitos nem objetos, há tão-somente máquinas, acoplamentos de máquinas, peças de máquinas, fluxos e cortes de fluxos formando o circuito energético libidinal. Aí o desejo desconhece a repartição entre interior e exterior, e não tem nada a ver com um movimento que iria de dentro para fora. Ele é engendrado diretamente no acoplamento entre máquinas impessoais e pré-individuais, cujo dinamismo é o do sistema corte-fluxo. Os termos do sistema corte-fluxo do desejo são, assim, as máquinas e seus objetos parciais, em seu regime associativo e regra binária: “O desejo não para de efetuar o acoplamento de fluxos contínuos e de objetos parciais essencialmente fragmentários e fragmentados. O desejo faz correr, flui e corta.”<sup>36</sup> “Somente os fluxos são a objetividade do próprio desejo”.<sup>37</sup>

Exemplo: o seio e a boca.<sup>38</sup> O seio funciona como máquina produtora de um fluxo, cortado pela boca como máquina que extrai e corta o fluxo do seio. É assim que já o bebê vive o inconsciente: como uma “fábrica”. Seus órgãos não são vividos enquanto órgãos, mas enquanto máquinas ou peças de máquinas, que acoplam fluxos e objetos parciais os mais díspares. Deleuze e Guattari citam também o caso do pequeno Joey, a “criança-máquina” analisada por Bettelheim, que só vivia, dormia e dava conta de suas funções básicas digestivas por meio de toda uma engenharia ritual, executada com “tamanha destreza”, em que conectava seu corpo a motores, volantes, correntes elétricas, mesmo que imaginárias. O fato é que sem tais “ligações elétricas” o seu aparelho digestivo não funcionaria.<sup>39</sup> Com o esquizofrênico ocorre a mesma coisa. Não é que ele viva seu corpo como uma máquina total, individual, mas ele o vivencia sendo atravessado por máquinas, dentro de máquinas ou adjacente a máquinas.<sup>40</sup> Seus órgãos só funcionam como peças de máquinas quaisquer, em relação com outras peças exteriores: como os raios do céu que o presidente Schreber sente no ânus.<sup>41</sup>

---

<sup>36</sup> Ibidem, p.16.

<sup>37</sup> DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Dois regimes de loucos*, Op. Cit., p.84.

<sup>38</sup> DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-Édipo*, Op. Cit., p.16.

<sup>39</sup> DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Dois regimes de loucos*, Op. Cit., p.22-23. Cf. também DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-Édipo*, Op. Cit., pp. 56-57.

<sup>40</sup> DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Dois regimes de loucos*, Op. Cit., p.22.

<sup>41</sup> DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-Édipo*, p.11. Cf. SCHREBER, D. P. *Memórias de um doente dos nervos*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

As máquinas desejantes produzem as ligações no desejo, as conexões, as organizações as mais diversas. É esse mesmo o caráter especial das máquinas: o fato de que elas colocam em jogo elementos completamente díspares e estranhos uns aos outros e fazem com que, de alguma maneira, isso funcione em conjunto.<sup>42</sup> “No limite, o esquizofrênico faz uma máquina funcional com elementos últimos, que nada mais têm a ver com o seu contexto e que vão entrar em relação uns com os outros *por força de não terem relação*”.<sup>43</sup> Algo irá circular por entre as máquinas e tudo o que elas tomem como suas peças. Mais ainda, esses elementos que são tomados como peças não são entidades pré-existentes em outras máquinas. Nem as peças nem as máquinas pré-existem. Eles são inventados como peças de uma máquina na medida em que o desejo assim lhes investe. É nesse sentido que se compreende o slogan “*todos somos bricoleurs*”, da primeira página de *O anti-Édipo*: só há desejo mediante a constituição de um campo de imanência em que elementos disparatados, heterogêneos vão ser reunidos, conectados, e de alguma maneira funcionarão em conjunto – não *apesar* da diferença entre eles, mas sobretudo *através* dela.<sup>44</sup>

Contudo, ao mesmo tempo em que as máquinas desejantes se acoplam produzindo e cortando fluxos, elas mesmas produzem um “*todo*”<sup>45</sup> improdutivo, que não as totaliza, mas serve de suporte ou superfície em que toda as conexões se distribuem, se repartem, se registram. Esta superfície ou esta totalidade que só existe “ao lado das partes”, sem subsumi-las, mas sim mantendo com elas uma tensão paradoxal, é o corpo sem órgãos. Ele é produzido como um fundo inarticulado, que tanto *repele* as máquinas desejantes quanto as *atrai* para si. O corpo sem órgãos não é tomado aqui como uma entidade especificamente esquizofrênica, mas como o corpo mesmo do desejo enquanto tal (em sua diferença com relação ao organismo), do qual o esquizofrênico faz a experiência extrema.<sup>46</sup>

---

<sup>42</sup> DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Dois regimes de loucos*, Op. Cit., p.23.

<sup>43</sup> *Ibidem* – grifo do autor. Essa ideia de que os elementos últimos do desejo entram em relação precisamente por não terem qualquer liame prévio (natural, lógico ou significativo) que os articule, Deleuze e Guattari colhem do artigo “La réalité du desir”, do psicanalista lacaniano Serge Leclaire (em LECLAIRE, S. *Sexualité humaine*. Paris: Aubier, 1970), citado diversas vezes em *O anti-Édipo*. Cf. DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-Édipo*, p. 408. Ver também o debate de 1972 entre Deleuze, Guattari, Leclaire, e outros, intitulado “Deleuze e Guattari explicam-se” (em DELEUZE, G. *A ilha deserta*, Op.Cit., pp.277-292), em que Deleuze comenta justamente a maneira como se apropriam da ideia de Leclaire, ainda que a contragosto de Leclaire.

<sup>45</sup> Cf. DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-Édipo*, Op. Cit., p.63: “O corpo sem órgãos é produzido como um todo, mas no seu próprio lugar, no processo de produção, ao lado das partes que ele não unifica nem totaliza”.

<sup>46</sup> Como sublinhou Zourabichvili em seu verbete sobre o corpo sem órgãos. Cf. ZOURABICHVILI, F. *O Vocabulário de Deleuze*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004. p.32.

Há um duplo movimento do corpo sem órgãos. Por um lado, o corpo sem órgãos repele o funcionamento orgânico de suas máquinas-órgãos, interrompe sua produtividade, desliga os fluxos que estavam ligados entre si. Aqui, o conflito entre o corpo sem órgãos e as máquinas engendra uma máquina “paranoica” repulsiva.<sup>47</sup> Por outro lado, o corpo sem órgãos atrai e se apropria de seus órgãos como *suas* máquinas, *suas* potências, que serão subordinadas a um outro regime de funcionamento, anorgânico. Aqui, surge uma máquina “miraculante” fetichista, que inscreve seus órgãos ou objetos numa superfície “encantada” de registro.

A máquina paranoica e a máquina miraculante são mutações das máquinas desejantes, geradas através da tensão destas com o corpo sem órgãos improdutivo, conforme as oscilações entre o movimento da atração e da repulsão. Deleuze e Guattari descrevem por fim uma terceira mutação: a máquina celibatária, que corresponde ao momento em que um sujeito é produzido, ao consumir as intensidades sobre o corpo sem órgãos e operando uma espécie de reconciliação entre as máquinas desejantes e o corpo sem órgãos.<sup>48</sup>

A condição paradoxal de funcionamento das máquinas desejantes é a de tangenciar perpetuamente a interrupção de seu funcionamento, “desarranjando-se constantemente”.<sup>49</sup> Pois elas só articulam e organizam uma matéria intensa que é ela mesma desarticulada e inorgânica, onde escorre um “puro fluido, em estado livre e sem cortes”: o corpo sem órgãos.<sup>50</sup> Aos fluxos ligados, conectados e recortados, o corpo sem órgãos opõe seu fluido amorfo antiprodutivo, atravessado somente por intensidades livres e *desligadas*.<sup>51</sup> À organização do organismo, o corpo sem órgãos opõe sua desarticulação (ou melhor, como dirão em *Mil platôs*, suas infinitas articulações, *n*-articulações<sup>52</sup>).

No entanto, essa oposição corpo sem órgãos-máquinas é apenas aparente, pois na verdade ela marca os dois aspectos de uma mesma atividade desejante. Tal atividade oscila entre o aspecto produtivo das máquinas, que captam e conectam intensidades do

---

<sup>47</sup> DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-Édipo*, Op. Cit., p.25.

<sup>48</sup> Cf. DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-Édipo*, Op. Cit., p.32: “Empreguemos o nome de ‘máquina celibatária’ para designar essa máquina que sucede à máquina paranoica e à máquina miraculante, formando uma nova aliança entre as máquinas desejantes e o corpo sem órgãos (...). Isso equivale a dizer que o sujeito é produzido como um resto, ao lado das máquinas desejantes, ou que ele próprio se confunde com essa terceira máquina produtora e com a reconciliação residual”.

<sup>49</sup> *Ibidem*, p.20.

<sup>50</sup> *Ibidem*.

<sup>51</sup> “As máquinas desejantes fazem de nós um organismo; mas, no seio dessa produção, em sua própria produção, o corpo sofre por estar assim organizado, por não ter outra organização ou organização nenhuma” (*Ibidem*).

<sup>52</sup> Cf. DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* 2. vol. 3. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012, p.25.

corpo sem órgãos, formando diversos estados intensivos ou zonas sobre o corpo sem órgãos, e, por outro lado, o elemento improdutivo do corpo sem órgãos, que repele as máquinas e, no limite, tende a paralisá-las. O corpo sem órgãos é tanto “produzido como o fluido amorfo da antiprodução quanto como suporte que se apropria da produção de fluxos”, ele pode tanto

*repelir os órgãos-objetos quanto atraí-los, apropriar-se deles. Porém, tanto na repulsão quanto na atração, ele não se opõe a eles; ele apenas assegura sua própria oposição, e a desses órgãos a um organismo. É ao organismo que o corpo sem órgãos e os órgãos-objetos se opõem conjuntamente.*<sup>53</sup>

No limite da máxima repulsão, o corpo sem órgãos é o estupor catatônico do esquizofrênico, tomado como “modelo da morte”, em que as máquinas interrompem sua atividade e o corpo esquizo fica congelado em atitudes rígidas, que podem ser conservadas por muito tempo. É neste sentido que o corpo sem órgãos designa o grau zero das intensidades, ou a intensidade = 0.

No outro sentido, um impulso produtivo se insinua, se injeta, no interior da parada anti-produtiva repulsiva, retomando o movimento, o funcionamento atrativo dos órgãos. Aqui, enquanto o corpo sem órgãos atrai os órgãos e apropria-se deles, isto só se dá, é preciso frisar, na medida em que eles são forçados a funcionarem num regime *avesso* ao do organismo. “Miraculadas” ou “encantadas” pelo corpo sem órgãos, as máquinas-órgãos irão produzir alguma coisa segundo a regra de produção do corpo sem órgãos, que é *anorgânica* por natureza.

É o caso do drogado, que faz com que sua fisiologia se volte em favor da produção e manutenção das ondas específicas da droga, de modo que todas as funções ordinárias do organismo como comer, dormir, etc., tornam-se secundárias e instrumentais àquele objetivo.<sup>54</sup> O mesmo vale para o exemplo dos casos de anorexia, em que o corpo anorético subordina o organismo à constituição de um corpo sem órgãos, que encontra substitutos aos alimentos e busca viver sob o limiar mínimo de sua necessidade de comer, para que possa prolongar ao máximo sua experimentação da anorexia, em um protesto contra o alimento e contra as refeições familiares.<sup>55</sup> De qualquer maneira, os dois aspectos

---

<sup>53</sup> DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-Édipo*, Op. Cit., p.431.

<sup>54</sup> Para o caso do drogado, cf. DELEUZE, G. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2015, 22ª série; DELEUZE, G. *Dois regimes de loucos*, Op. Cit, pp.158-161 e DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs*, vol.3., Op. Cit., 6º platô.

<sup>55</sup> O caso da anorexia é evocado na primeira página de *O anti-Édipo*, Op. Cit., p.11, e é retomado com maior detalhe em DELEUZE, G.; PARNET, C. *Diálogos*, Op. Cit., p.127-129.

(catatonia do corpo sem órgãos e exercício anorgânico das máquinas) nunca estão realmente separados, mas engendram formas nas quais ora prevalece a atividade repulsiva paranoide, ora a atividade atrativa miraculante, em proporções variáveis.

## **5. O estatuto paradoxal do corpo sem órgãos**

Eis a ambivalência à primeira vista desconcertante do corpo sem órgãos. “Condição do desejo”, o corpo sem órgãos é também o “modelo da morte”, na medida em que todo processo de desejo envolve o seu grau zero intensivo, matricial, a partir do qual são produzidas todas as quantidades intensivas que vão preencher o espaço em tal ou tal grau.<sup>56</sup> “O modelo da morte aparece quando o corpo sem órgãos repele e depõe os órgãos – nem boca, nem língua, nem dentes... até a automutilação, até o suicídio”, até a catatonia esquizofrênica.<sup>57</sup>

No entanto, se o corpo sem órgãos é também condição do desejo, isso se deve ao fato de que algum grau de repulsa ao organismo é necessário para que a própria máquina funcione e produza. Caso contrário, o organismo se sedimentaria e impediria o funcionamento das máquinas. Sendo o organismo um produto, se não houver o condicionamento desestabilizante da instância antiprodutiva do corpo sem órgãos sobre os produtos, não há enxerto imanente e recíproco do produzir no produto, de modo que o ciclo produtivo se interromperia. Dito de outra maneira: “É certamente pelo corpo, é certamente pelos órgãos que o desejo passa, mas não pelo organismo”, pois o organismo não passa de um estado, de um produto, que não esgota o desejo em seu processo cíclico de produção da realidade.<sup>58</sup>

Impedido de se concluir, se apaziguar, se estabilizar em seus produtos, o processo não pode fazer outra coisa que não seja retomar-se a si mesmo enquanto produção de produção. Por isso que a oposição não se passa exatamente entre o corpo sem órgãos e os órgãos, mas entre o conjunto do corpo sem órgãos e os órgãos *contra* o organismo<sup>59</sup>, entendido como esta “organização que impõe aos órgãos um regime de totalização, de colaboração, de sinergia, de integração, de inibição e de disjunção”<sup>60</sup>, e que fixa o corpo nessa identidade, com uma forma definida e com funções orgânicas a cumprir. Sob o

---

<sup>56</sup> O recurso ao *Vocabulário de Deleuze* de Zourabichvili é instrutivo sobre este ponto. Cf. ZOURABICHVILI, 2004, p.32.

<sup>57</sup> DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-Édipo*, Op. Cit., p.435.

<sup>58</sup> *Ibidem.*, p.432.

<sup>59</sup> *Ibidem.*, p. 431. Essa ideia retorna com força em DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs*, vol. 3, Op. Cit., p.24.

<sup>60</sup> DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Dois regimes de loucos*, Op. Cit., p.25.

organismo, o corpo grita e protesta com sua realidade intensiva, que pede passagem a outras tantas articulações orgânicas, outros acoplamentos entre o corpo sem órgãos e suas máquinas-órgãos.

Com isso, Deleuze e Guattari dissolvem a oposição aparente entre o corpo sem órgãos e as máquinas desejanter. Pois, “[n]o fundo, os órgãos parciais e o corpo sem órgãos são uma só e a mesma coisa, uma só e mesma multiplicidade (...)”.<sup>61</sup> As máquinas enquanto órgãos “parciais” do corpo sem órgãos são “*as potências diretas do corpo sem órgãos, e o corpo sem órgãos é a matéria bruta dos objetos parciais*”.<sup>62</sup> De modo que o corpo sem órgãos e as máquinas constituem os dois elementos materiais das máquinas desejanter esquizofrênicas, umas como “peças trabalhadoras”, o outro como “motor imóvel” no qual as peças se engancham. (E é da tensão produtiva entre estes dois elementos que irá sempre resultar um sujeito nômade como peça adjacente residual).

É exatamente porque o corpo sem órgãos não se opõe às máquinas tomadas como seus órgãos que podemos compreender a distinção entre a *condição* do funcionamento da máquina e o seu *funcionamento* propriamente.<sup>63</sup> Em sua face repulsiva, o corpo sem órgãos condiciona o funcionamento das máquinas – pois, se o corpo sem órgãos não repelisse o organismo enquanto produto acabado, organizado, a produção se estabilizaria nele e ali cessaria. A produção retoma seu ciclo em função da *condição* de seu funcionamento: a face repulsiva do corpo sem órgãos. Já quanto ao aspecto atrator do corpo sem órgãos, Deleuze e Guattari dizem: a atração é o próprio funcionamento das máquinas desejanter. Mas o que define este funcionamento?

## 6. Esquizofrenizar a morte: o funcionamento cíclico das máquinas desejanter

Vimos que, no limite de sua face repulsiva, o corpo sem órgãos é o *modelo da morte*. Ora, para que as máquinas funcionem, dizem Deleuze e Guattari, para que o conjunto corpo sem órgãos-máquinas funcione ou tome consistência; é preciso que as máquinas desejanter, em seu exercício, convertam constantemente o *modelo* da morte na *experiência* da morte.<sup>64</sup> Mas em que se distingue a experiência da morte do modelo da morte?

---

<sup>61</sup> DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-Édipo*, Op. Cit., p.432.

<sup>62</sup> *Ibidem*, p.436.

<sup>63</sup> *Ibidem*.

<sup>64</sup> *Ibidem*, pp.436-ss.

As duas modalidades não implicam qualquer desejo de morte, retorno ao inanimado ou culto à morte.<sup>65</sup> A experiência da morte é o exercício mais vital, mais ativo, em que o corpo se abre a devires e variações de potência, conquista novas capacidades e testa outras organizações. É uma experiência afirmativa, em que o organismo é neutralizado e intensidades são liberadas no corpo.<sup>66</sup> A experiência da morte, dizem Deleuze e Guattari, “é a coisa mais ordinária do inconsciente, precisamente porque ela se faz na vida e para a vida, ela se faz em toda passagem ou todo devir, em toda intensidade como passagem e devir”.<sup>67</sup> A experiência da morte inconsciente é um afeto, uma passagem de intensidade. Mas toda intensidade é produzida a partir de um grau zero que lhe serve de limite imanente (e não exterior) e matriz intensiva: o corpo sem órgãos como intensidade = 0, isto é, o próprio modelo da morte. Pois este grau zero não contém nada de negativo, ao contrário, ele é a condição imanente para a produção de intensidades e variações intensivas sobre a sua superfície: “é próprio de cada intensidade investir em si própria a intensidade-zero a partir da qual ela é produzida num momento como o que

---

<sup>65</sup> Ao tomar o corpo sem órgãos como modelo da morte e os devires que o atravessam como experiências da morte, Deleuze e Guattari firmam uma posição radicalmente distinta da pulsão de morte psicanalítica, embora em diálogo com esta. Sabe-se que Freud, *grosso modo*, em *Além do princípio do prazer* (1920), estabelece o dualismo pulsional entre pulsões de vida e pulsões de morte, atribuindo à pulsão de morte a posição privilegiada de uma instância transcendente e silenciosa, porque seria anterior e exterior às pulsões de vida, de modo que a tendência de toda matéria viva seria retornar à “matéria inanimada” (princípio do Nirvana). Daí em diante, a pulsão de morte só ganha importância na psicanálise freudiana. Deleuze e Guattari argumentam que na verdade é a “axiomática mortuária” do capitalismo que, em primeiro lugar, difunde a antiprodução por toda a produção, tornando a experiência da morte e o seu modelo, que eram realmente distintos, agora *indistintos*, donde a aparição de um instinto de morte propriamente, que mortifica a vida por toda parte do *socius*. A psicanálise apenas subscreveria essa invenção do capitalismo, corroborando seu “culto à morte”, fazendo da produtividade vital do desejo uma imagem mortuária, mórbida, um longo parêntese que precede à realização da meta da vida: morrer. (Cf. *O anti-Édipo*, Op. Cit., pp. 439-448). Sobre este debate, cf. sobretudo os comentários de SIBERTIN-BLANC, G. “L’instinct de mort dans la schizoanalyse de Deleuze et Guattari”. In: *International Deleuze Studies, Issue #2*, 2009; MONTEBELLO, P. “L’instinct de mort chez Deleuze: La controverse avec la psychanalyse”. In: *Dois pontos*, Curitiba, São Carlos, vol.8, n.2, pp.15-26, outubro, 2011 e JAMBOIS, F. *Deleuze et la mort: chemins dans L’Anti-Oedipe*. Paris: L’Harmattan, 2016. Sibertin-Blanc apresenta a problemática do instinto de morte segundo a esquizoanálise, evidenciando seus deslocamentos metapsicológicos com relação ao esquema psicanalítico e sublinhando a dimensão sociopolítica da crítica deleuzo-guattariana ao “culto à morte” celebrado pelas núpcias entre capitalismo e psicanálise. Montebello nota que de todos os temas da psicanálise, o instinto de morte é aquele que mais interessa a Deleuze, e percorre o conjunto dos comentários a esse tema em *Sacher-Masoch, Diferença e repetição* e *O anti-Édipo*. Jambois, por sua vez, faz uma análise que é no mínimo inesperada, e investiga um suposto motivo hegeliano e dialético que atravessaria o problema da morte em *O anti-Édipo*, tomado como “versão sombria do *Mal-estar na civilização*”.

<sup>66</sup> Sobre o par neutralização-produção como duplo exercício característico do corpo sem órgãos, cf. MONTEBELLO, P. *Deleuze: la passion de la pensée*. Paris: Vrin, 2008, “Chapitre V: Le paradoxe du corps sans organes (CsO): Vie et mort, ascèse (esprit/corps) et production (germen/numen). (Exercice de neutralisation)”.

<sup>67</sup> DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-Édipo*, Op. Cit., pp.436-437. Note-se a semelhança desta formulação com o que dizem depois em DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs*, vol.3, Op. Cit., p.25: “O que quer dizer desarticular, parar de ser um organismo? Como dizer a que ponto é isto simples, e que nós o fazemos todos os dias. (...) Desfazer o organismo nunca foi matar-se, mas abrir o corpo a conexões que supõem todo um agenciamento, circuitos, conjunções, superposições e limiares, passagens e distribuições de intensidade (...)”.

crece ou diminui sob uma infinidade de graus”.<sup>68</sup> A experiência da morte (o devir) se distingue de seu modelo prototípico (o corpo sem órgãos), mas é inseparável dele, pois a antiprodução não se opõe à produção, como vimos, mas lhe é interior como uma de suas peças. E é afinal da consumação destes estados intensivos que resulta algo como um sujeito, no sentido de que o estado intensivo vivido é primeiro em relação ao sujeito que o vive, e este sujeito não é identificável num eu, mas impessoal.<sup>69</sup>

É este o ciclo esquizofrênico das máquinas desejanças: elas oscilam constantemente entre o modelo da morte (que corresponde à face repulsiva do corpo sem órgãos, à condição de funcionamento das máquinas) e a experiência inconsciente da morte (que se desenrola sobre o aspecto atrator do corpo sem órgãos, no funcionamento efetivo das máquinas). Alternar de um a outro, do modelo da morte à experiência da morte, e da experiência da morte ao modelo da morte, é o que Deleuze e Guattari chamam de “esquizofrenizar a morte”: “... há retorno da experiência da morte ao modelo da morte, no ciclo das máquinas desejanças. (...) Ir sempre do modelo à experiência, e novamente partir, retornar do modelo à experiência, é isso, *esquizofrenizar a morte*, o exercício das máquinas desejanças”.<sup>70</sup> É esta a atividade que define o dinamismo das máquinas desejanças. Em seu movimento ativo, é precisamente isso que as máquinas desejanças nos dizem, nos fazem viver e sentir intensamente: “...sim, *o retorno à repulsão recondicionará outras atrações, outros funcionamentos*, a movimentação de outras peças trabalhadoras sobre o corpo sem órgãos, a ativação de outras peças adjacentes no entorno...”.<sup>71</sup>

Isso quer dizer que é somente em cada caso concreto que a morte deve ser avaliada segundo suas duas modalidades de peça da máquina: seja enquanto modelo da morte, seja enquanto experiência da morte.<sup>72</sup>

São estas as duas mortes ou os dois sentidos da morte, conforme Deleuze e Guattari propõem a partir de uma leitura de Blanchot: a morte que se experimenta e que é vivida como processo de transmutação ou devir; e a morte que cessa o processo, interrompe-o definitivamente, de modo que não é realmente experimentada porque cessa

---

<sup>68</sup> DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-Édipo*, Op. Cit., p.437.

<sup>69</sup> É só aí que nasce um “estranho sujeito, sem identidade fixa, errando sobre o corpo sem órgãos, sempre ao lado das máquinas desejanças, definido pela parte que toma do produto, recolhendo em toda parte o prêmio de um devir ou de um avatar, nascendo dos estados que ele consome e renascendo em cada estado” (Ibidem, p.30).

<sup>70</sup> Ibidem, p.438.

<sup>71</sup> Ibidem.

<sup>72</sup> “Então, a morte é uma peça de máquina desejança, peça que deve ser (...) avaliada no funcionamento da máquina e no sistema de suas conversões energéticas, e não como princípio abstrato” (Ibidem, pp. 440-441).

a experimentação.<sup>73</sup> No primeiro caso, trata-se de uma experiência inconsciente da morte que produz intensidades sobre o seu modelo (o corpo sem órgãos) como grau zero, afirmando a passagem de um devir do qual resulta um sujeito impessoal (*On*); no segundo, as intensidades se extinguem retornando ao zero que elas envolvem, e o sujeito morre efetivamente, fixado num derradeiro instante como *Eu (Je)*.

## **7. Molar e molecular**

Para a esquizoanálise, as duas tendências do funcionamento do desejo (intensidade = 0 e produção anorgânica de intensidades a partir deste grau zero) não dizem respeito a uma estrutura psíquica, mas à própria maquinaria da produção e da reprodução sociodesejante, tal como esta se desenvolve historicamente. O projeto deleuzo-guattariano é fazer com que um mesmo sistema conceitual dê conta tanto da dimensão social dos processos produtivos quanto do componente de produção subjetiva que lhe é próprio.<sup>74</sup> Nesse esquema, então, o campo social, histórico, político passa diretamente pelo desejo tanto quanto a produção social é imediatamente investimento e descarga de energias desejantes. É nesse sentido que Deleuze e Guattari insistem que só há *uma* economia, imediatamente social e desejante, como vimos. De modo que toda máquina é ao mesmo tempo máquina social e máquina desejante. Vimos ainda que entre a produção social e a produção desejante há identidade de natureza e diferença de regime. Mas como se articula a relação entre os dois regimes distintos da produção no seio de sua identidade de natureza?

Neste ponto é preciso introduzir, seguindo Deleuze e Guattari, novos conceitos: molar e molecular. Primeiramente, dir-se-ia que as máquinas desejantes correspondem ao plano *molecular* da produção social, ao passo que as máquinas sociais e técnicas dizem respeito ao plano *molar* da mesma.

Mas não basta reportar simplesmente o molecular às máquinas desejantes e o molar às máquinas sociais e técnicas para compreender como eles se relacionam, porque é no seio dos investimentos libidinais que é preciso distinguir a *direção* molar da *direção* molecular. É preciso dizer, então, que a distinção entre molar e molecular é a distinção

---

<sup>73</sup> Ibidem, p.437.

<sup>74</sup> Cf. DELEUZE, G. *Conversações*, Op. Cit., p.25: “[O] que buscávamos em comum era um discurso ao mesmo tempo político e psiquiátrico, mas sem reduzir uma dimensão à outra”; e DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-Édipo*, Op. Cit., p.486: “Voltamos a dizer que não vemos inconveniente algum em caracterizar investimentos sociais do inconsciente com termos herdados da psiquiatria, justamente porque tais termos deixam de ter uma conotação familiar que faria deles simples projeções, e porque se reconhece que o delírio tem um conteúdo social primário imediatamente adequado”.

entre dois tipos de forças físicas inextricavelmente ligadas: forças elementares através das quais o inconsciente se produz (máquinas desejanter – moleculares); e resultantes que reagem sobre as primeiras, conjuntos estatísticos através dos quais o inconsciente se representa, já sofrendo recalcamento e repressão de suas forças elementares (máquinas sociais e técnicas – molares).<sup>75</sup> Assim, fica claro que, entre o molar e o molecular, não há dualidade ontológica, pois não há, entre eles, oposição real. Nas palavras de Deleuze e Guattari: “Não há máquinas desejanter que existam fora das máquinas sociais que elas formam em grande escala; e também não há máquinas sociais sem as desejanter que as povoam em pequena escala.”<sup>76</sup> O molar só se forma subordinando o molecular a suas grandes estruturas, e o molecular, por sua vez, povoa e engendra variações no molar, submetendo a si os fenômenos estruturais dos grandes conjuntos molares.<sup>77</sup> Como notou Lapoujade, o molar, realmente, não passa do molecular ligado ou tornado gregário, enquanto que o molecular é o molar desligado ou tornado disperso.<sup>78</sup>

Molar e molecular não designam tampouco uma distinção entre individual e coletivo, como se o individual fosse o molecular e o coletivo o molar, pois as micromultiplicidades desejanter são tão coletivas quanto os grandes conjuntos sociais, na medida em que “são inseparáveis e constituem uma só e mesma produção.”<sup>79</sup>

Trata-se de uma distinção *física*. Microfísica molecular e macrofísica molar são os dois regimes físicos da maquinaria do desejo.<sup>80</sup> A esta distinção física está associada uma diferença qualitativa de um ponto de vista político: as pequenas fugas moleculares esquizofrênicas contra os grandes planos molares paranoicos; a desterritorialização

---

<sup>75</sup> Ibidem, p.374.

<sup>76</sup> Ibidem, p.451.

<sup>77</sup> Cf. Ibidem, p.370: “os dois tipos de investimento distinguem-se radicalmente, conforme um incida sobre as estruturas molares que subordinam as moléculas a si, enquanto que o outro, ao contrário, incide sobre as multiplicidades moleculares que subordinam a si os fenômenos estruturais de multidão” e p.379: “Ou seja: as máquinas desejanter moleculares são, em si mesmas, investimentos das grandes máquinas molares ou das configurações que elas formam sob as leis dos grandes números, num ou no outro sentido da subordinação. Máquinas desejanter de um lado e, de outro, máquinas orgânicas, técnicas ou sociais: são as mesmas máquinas em condições determinadas. Por condições determinadas, entendemos essas formas estatísticas nas quais elas entram como outras tantas formas estáveis, unificando, estruturando e procedendo por grandes conjuntos pesados; as pressões seletivas que agrupam as peças retêm algumas delas e excluem outras, organizando as multidões. São, portanto, as mesmas máquinas, mas de modo algum são o mesmo regime, as mesmas relações de grandeza, os mesmos usos de sínteses”.

<sup>78</sup> LAPOUJADE, D. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. 2. ed. São Paulo: n-1 edições, 2017, p.183. Cf. DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-Édipo*, Op. Cit., p.524: “as máquinas sociais técnicas são tão somente conglomerados de máquinas desejanter em condições molares historicamente determinadas; as máquinas desejanter são máquinas sociais e técnicas restituídas às suas condições moleculares determinantes”.

<sup>79</sup> DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-Édipo*, Op.Cit., p.451.

<sup>80</sup> É importante mencionar que Deleuze e Guattari insistem que não falam de física em um sentido metafórico: “o inconsciente diz respeito à física; não é absolutamente por metáfora que o corpo sem órgãos e as suas intensidades são a própria matéria”. (Ibidem, p. 373).

esquizo revolucionária contra as territorialidades e reterritorializações reacionárias da paranoia.

## **8. Os dois polos do investimento libidinal: paranoia e esquizofrenia**

Deleuze e Guattari usam frequentemente dois exemplos de enunciados que ilustram a orientação esquizo-revolucionária ou paranoico-reacionária. Os enunciados paranoicos são de tipo: “Nós, de raça superior...”, e envolvem grandes retornos a ancestralidades puras, elevadas, divinas, grandes planos de integração que alimentam racismos e nacionalismos os mais diversos. Ao passo que o enunciado tipicamente esquizo seria, dizem Deleuze e Guattari, como o de Rimbaud: “sou um negro, sou uma besta, sou eternamente de raça inferior”, “somos todos judeus-alemães”<sup>81</sup>, ou ainda, poderíamos acrescentar hoje, “somos todos Guarani-Kaiowá”, “*black lives matter*”. Sua característica é investir o campo social com uma potência revolucionária que desarranja molecularmente as organizações sociais molares em seu conjunto, criando um possível, uma brecha, ali onde o poder nos sufoca (“*I can’t breathe!*”).

O aspecto político imanente à oposição entre estes dois tipos fica evidente desde que se compreenda que o que há em cada uma das duas operações de investimento é um jogo de *subordinação*, que ora se dá em um sentido, ora em outro. De modo que os dois polos molar-paranoico e molecular-esquizofrênico se definem assim:

*um*, pela sujeição da produção e das máquinas desejantes aos grandes conjuntos gregários que elas constituem em grande escala sob tal forma de potência ou de soberania seletiva, o *outro*, pela subordinação inversa e pela subversão de potência; *um*, por estes conjuntos molares e estruturados, que esmagam as singularidades, selecionando-as e regularizando aquelas que eles retêm em códigos ou axiomáticas, o *outro*, pelas multiplicidades moleculares de singularidades que, ao contrário, tratam os grandes conjuntos como outros tantos materiais próprios para sua elaboração.<sup>82</sup>

Decorrente da distinção entre os dois sentidos da relação entre o molar e o molecular em um grupo específico, Deleuze e Guattari propõem a distinção entre dois tipos de grupo (ou dois fantasmas de grupo): o *grupo sujeito*, conforme o polo molecular subordine o molar a reelaborações inventivas, e o *grupo sujeitado* conforme o polo molar subordine o molecular a suas estruturas ordenadas. Certamente, mais importante do que a distinção estanque entre os dois polos e os dois tipos de grupo é reter a compreensão de

---

<sup>81</sup> Ibidem, pp.365-366, 451-452, 486-488. A passagem de Rimbaud citada e parafraseada abundantemente por Deleuze e Guattari, é tirada do livro *Uma temporada no inferno* (1873), seção “Mau sangue” (Ed. Bilíngue. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011).

<sup>82</sup> Ibidem, p.486

que na prática os investimentos libidinais não param de oscilar de um a outro segundo relações muito complexas, e que a tarefa da esquizoanálise é precisamente analisar essas “passagens subterrâneas” ou mesmo a coexistência de investimentos de tipos diferentes em uma mesma situação, em um mesmo grupo, para intervir localmente.<sup>83</sup> A questão é inteiramente prática, no sentido de ética, política e clínica. Trata-se de localizar os pontos de bloqueio que captam e minguam a força de um processo desejante em um caso concreto (seja um indivíduo, um grupo, uma instituição...) de modo a liberar, num exercício incessante, as linhas de fuga do desejo de suas reterritorializações reacionárias. Não há como prever “a maneira pela qual se desprende uma inesperada potência revolucionária, às vezes até mesmo no seio dos piores arcaísmos” e “inversamente, a maneira pela qual isso vira ou se mantém fascista, pela qual isso recai no arcaísmo”.<sup>84</sup> A ética que se delineia através do primeiro livro conjunto de Deleuze e Guattari insiste, assim, na força revolucionária que há em se viver intensamente o processo esquizofrênico da produção desejante e, simultaneamente, cuidar para que o processo não seja perdido, para que o movimento revolucionário não seja esmagado por um arcaísmo fascizante que reinventa imagens de uma origem pura, de uma identidade nacional, religiosa, etc. que se suponha “acima de tudo e de todos”... Há todo um *ritmo* entre o movimento da desterritorialização e os territórios que são constituídos em seu percurso, e é isso o que caracteriza propriamente a prudência prática da esquizoanálise: habitar e analisar longamente os territórios como condição de retomar o processo desterritorializante, desterritorializar como condição para a constituição de novos territórios, multiplicando suas conexões.<sup>85</sup>

## 9. As tarefas da esquizoanálise e o retorno da questão

É nesse sentido que a tarefa negativa se conecta diretamente às tarefas positivas da esquizoanálise, como a crítica se revela desde o início uma clínica. O combate aos coágulos molares do desejo, que o fixam em imagens e estruturas repressivas, se dá ao mesmo tempo que a descoberta das máquinas desejantes e a construção efetiva dos

---

<sup>83</sup> Ibidem, p.367; 462-464.

<sup>84</sup> Ibidem, p.366.

<sup>85</sup> A importância da noção de “ritmo” na formulação do problema prático da esquizoanálise receberá especial atenção em *Mil platôs*, a propósito do “problema da consistência”. Cf. sobretudo o décimo primeiro platô “1837 – Acerca do ritornelo”, em DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* 2. vol.4. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 2012, pp.121-179.

agenciamentos de desejo revolucionários no campo social.<sup>86</sup> Retornamos à questão prática que entrevimos em uma passagem citada no início deste trabalho<sup>87</sup>: mesmo em sua “tarefa destrutiva”, uma esquizoanálise deve proceder com uma “grande prudência” e uma “grande paciência”, analisando tanto a densidade do funcionamento atual do desejo quanto a possibilidade de ultrapassá-la em um novo regime.

Vimos que a esquizofrenização da morte, a conversão do modelo da morte (grau zero do corpo sem órgãos) em experiência da morte (devires, passagens de intensidades) e o retorno da experiência inconsciente da morte ao seu modelo, é tanto a *atividade* cíclica da produção desejante como a *direção ética, clínica e política* da esquizoanálise. É tanto o diagnóstico ontológico acerca das relações entre máquinas desejantes, corpos sem órgãos e sujeito residual quanto a direção para a esquizofrenização revolucionária do desejo, que faz frente às subjetivações capitalísticas.

Para Deleuze e Guattari, é preciso experimentar, testar as atuais organizações de que dispomos até seu limite, para (esquizo)analisar as oportunidades e os riscos de desfazê-las em busca de novas organizações. Desorganizar as atuais organizações: com a condição imanente de que isso sirva para criar novas organizações, novas conexões, disjunções e consumações. Em esquizoanálise, a relação entre organização e desorganização é de um zigue-zague contínuo, que garante a fluidez contínua e a conectividade revolucionária do processo desejante.

É exatamente nesta tensão paradoxal entre o funcionamento maquínico e a instância improdutiva do corpo sem órgãos, entre organizar-desorganizar-reorganizar, territorializar-desterritorializar-reterritorializar que intervém a “grande prudência”, a “grande paciência” a que Deleuze e Guattari aludem. É preciso atravessar “várias

---

<sup>86</sup> Cf. DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-Édipo*, Op. Cit., p.426: “[É que] a tarefa negativa ou destrutiva da esquizoanálise não é de maneira alguma separável de suas tarefas positivas (e todas são necessariamente conduzidas ao mesmo tempo).” Cf. a ocorrência da noção de “agenciamentos maquínicos” em algumas passagens do quarto capítulo de *O anti-Édipo* como indícios importantes de uma preocupação com o aspecto construtivista do desejo, que será cada vez mais sublinhado nas obras seguintes da dupla, em que a noção de agenciamento recebe um desenvolvimento completo.

<sup>87</sup> Retomamos aqui a passagem referida: “Em sua tarefa destrutiva, a esquizoanálise deve proceder com a maior rapidez possível, mas também só pode proceder com uma grande paciência, uma grande prudência, desfazendo sucessivamente as territorialidades e as reterritorializações (...) pelas quais um sujeito passa na sua história individual. Isto porque há várias camadas, vários planos de resistência vindos de dentro ou impostos de fora. A esquizofrenia como processo, a desterritorialização como processo, é inseparável das estases que a interrompem, ou então que a exasperam, ou que a fazem girar em roda, e que a reterritorializam em neurose, em perversão, em psicose. Isto ocorre a tal ponto que o processo só pode se desembaraçar, perseverar em si mesmo e se efetuar, na medida em que for capaz de criar (...) uma terra nova. É preciso, em cada caso, voltar a passar pelas velhas terras, estudar sua natureza, sua densidade, pesquisar como se agrupam em cada uma os índices maquínicos que permitem ultrapassá-la. Terras familiares edípianas da neurose, terras artificiais da perversão, terras asilares da psicose — como, a cada vez, reconquistar nelas o processo, retomar constantemente a viagem?” (Ibidem, pp.420-421).

camadas”, “vários planos de resistência vindos de dentro ou impostos de fora”, para um corpo chegar a reconquistar a viagem. O processo só pode “se desembaraçar, perseverar em si mesmo e se efetuar, na medida em que for capaz de criar (...) uma terra nova”, e, para tanto, é preciso “voltar a passar pelas velhas terras, estudar sua natureza, sua densidade, pesquisar como se agrupam em cada uma os índices maquínicos que permitem ultrapassá-la”.<sup>88</sup> Afinal: “Como seria possível a viagem do esquizo independentemente de certos circuitos, como poderia ele dispensar uma terra?”, e ainda, inversamente, “como estar seguro de que esses circuitos não voltam a formar as terras demasiado conhecidas do asilo, do artifício ou da família?”<sup>89</sup>

Somos inclinados a notar, retroativamente, que é o problema prático dos riscos da experimentação – abordado intensa e extensamente em *Mil platôs* – que já insiste aqui, ainda que o termo “experimentação” não seja explorado conceitualmente em *O anti-Édipo*.<sup>90</sup> É preciso muita precaução, é preciso uma longa análise da organização atual das máquinas para encontrar nela mesma os vetores que a abrem para devires, passagens de intensidade, vibrações perceptivas, e testar a cada vez como e até onde uma nova conexão de fluxos pode liberar potências sem fazer desmoronar de uma só vez toda e qualquer organização ou retroalimentar as organizações reacionárias mais brutais. Se o corpo sofre por estar submetido a um organismo, não sofrerá ele ainda mais por empreender um gesto muito abrupto de desorganização, morrendo simplesmente ou fazendo retornar ainda mais rígidas as sujeições de que pretendia se livrar? Como evitar que, no movimento em zigue-zague de esquizofrenização da morte, não se caia no suicídio ou no fascismo, esta forma de suicídio coletivo?<sup>91</sup> Como avaliar, taticamente, as maneiras de desfazer as organizações insuportáveis que são impostas ao corpo, “para que o corpo sem órgãos não se encarcere, imbecil e catatônico?”<sup>92</sup>

Tais perguntas estão diretamente implicadas ao longo de todo *O anti-Édipo*. Elas

---

<sup>88</sup> Ibidem, pp.420-421.

<sup>89</sup> Ibidem, p.422. Vale salientar que a noção de “viagem” aqui empregada não diz respeito a um movimento em extensão necessariamente, mas sim a um sentimento de passagem de intensidades, de variação da própria potência. Daí que a viagem seja sempre dita viagem intensiva ou viagem “imóvel”, mesmo que a ela possa corresponder um movimento na extensão, não é por este que ela é definida: “Essa viagem não implica necessariamente grandes movimentos em extensão, ela se faz imóvel, num quarto ou num corpo sem órgãos, viagem intensiva que desfaz as terras em proveito da que ela cria”.

<sup>90</sup> A “experimentação” só aparece elaborada conceitualmente em Deleuze e Guattari, com um sentido ético e político claro, a partir de *Kafka, por uma literatura menor* (1975) – ainda que, antes disso, o termo já apareça em algumas entrevistas entre 1972 e 1975 (cf. por exemplo a entrevista a Raymond Bellour em *Cartas e outros textos*, Op. Cit., e “Cinco proposições sobre a psicanálise”, em *A ilha deserta*, Op. Cit.).

<sup>91</sup> Deleuze e Guattari tomam de Paul Virilio a noção de “Estado suicidário” para descrever a dinâmica fascista em DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs*, vol.3, Op.Cit., pp.123-125.

<sup>92</sup> DELEUZE, G. *Dois regimes de loucos*, Op. Cit., p.32.

caracterizam a preocupação ética que atravessa o primeiro livro conjunto de Deleuze e Guattari e definem o *topos* que situa a relação entre as máquinas desejantes, os corpos sem órgãos e os sujeitos residuais neste sistema teórico-prático: na contínua tensão vital entre os impulsos produtivos do desejo, suas estases de antiprodução e a retomada do processo; liberando a produção desejante a outros funcionamentos, outros agenciamentos maquínicos, enfrentando a todo momento o risco de se distender num colapso fatal.

*Recebido em 20/07/2020*

*Aprovado em 20/04/2021*